

Flutuação da taxa de câmbio divide economistas

Avaliação de especialistas é de que a deterioração das contas públicas impede que o país abandone o sistema de bandas

Aguinaldo Novo e Sueli Campo

• SÃO PAULO. A deterioração das contas públicas não permite que o país abra mão em definitivo do sistema de bandas cambiais, mas os economistas divergem sobre a oportunidade de voltar a utilizar esse sistema. Economistas como Carlos Eduardo de Freitas, da FGV, e Celso Grisi, da USP, defendem a idéia de o Banco Central manter o câmbio liberado até que o mercado se ajuste e interrompa as apostas contra o real. Depois dessa fase, acrescentam, a equipe econômica deve fixar uma nova banda cambial. Para o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, a flexibilização representa um risco muito grande para o país e qualquer notícia ruim pode colocar por terra o esforço para reconstruir a credibilidade do plano econômico.

Nesta segunda-feira, os governadores da oposição vão se reunir para discutir a questão das dívidas dos estados. O anúncio de uma nova moratória pode mudar radicalmente as expectativas do mercado. Com o câmbio livre, as cotações poderiam subir sem controle — diz Mailson.

Ex-ministro: "Melhor caminho é flutuação administrada"

O ex-ministro defende o estabelecimento imediato de uma nova banda, cujo intervalo seria definido em função do volume atual de reservas e das novas metas que possam vir a ser acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo ele, só os liberais mais radicais querem o regime de flutuação de câmbio.

Mailson criticou as declarações dadas pelo ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, sobre a tendência de o BC adotar a liberação do câmbio. Ele diz que manifestações como essa, de alguém não ligado à equipe econômica, reforçam as especula-



André Arruda/Arquivo

PAULO NOGUEIRA: O melhor caminho é a flutuação administrada do câmbio

ções de que o ministro Pedro Malan, estaria perdendo força dentro do Governo, o que não ajuda a apaziguar o mercado financeiro.

Ex-diretor da área internacional do BC entre 1985 e 1988, Carlos Eduardo de Freitas defende um regime que os compêndios econômicos definem como "flutuação suja": o mercado ficaria livre para definir as taxas de compra e venda da moeda americana, mas o BC interviria em casos de variações de preços consideradas excessivas. Ele vê vantagem na adoção desse sistema agora e criaria uma oportunidade de melhorar os resultados do balanço de pagamentos do país. Outro ponto positivo: a economia poderia retomar gradualmente a pro-

dução, puxada pelo desempenho dos setores exportadores. Ele considera que, neste momento, a volta do sistema de bandas poderia gerar maior incerteza entre os investidores.

— Neste momento, não existe espaço para outra alternativa senão a de manter a flexibilização do câmbio. Se o BC optar pela banda cambial, a reação do mercado pode ser ruim — diz o economista da FGV.

O economista Paulo Nogueira Baptista Junior, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, acredita que o melhor caminho agora é o da flutuação administrada do câmbio, sem que o Banco Central se comprometa com uma taxa de câmbio determinada. ■